

MANUAL DO PROFESSOR

Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês

Autoria

Daniela de Amorim Lopes (CEDAC)



MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA DANIELA DE AMORIM LOPES (CEDAC)

LIVRO

**OS LOHIP-HOPBATOS EM
A GUERRA DA RUA DOS SIAMIPÊS**

AUTOR

FLAVIO DE SOUZA

ILUSTRADORA

SUPPA

CATEGORIA 1

**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS

**FAMÍLIA, AMIGOS E ESCOLA;
O MUNDO NATURAL E SOCIAL;
AVENTURA, MISTÉRIO E FANTASIA**

GÊNERO LITERÁRIO

ROMANCE

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lopes, Daniela de Amorim

Manual do professor — Os Lohip-Hopbatos em a
guerra da rua dos siamipês / Daniela de Amorim Lopes ;
CEDAC. — Paranaguá : A Página Store, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-54309-04-6

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
II. Souza, Flavio. Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos
siamipês III. CEDAC

18-0984

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

A PÁGINA STORE COMÉRCIO DE LIVROS EIRELI

Rua João Eugênio, 711 — Loja 44

83203-400 — Paranaguá — PR

Telefone: (41) 3292-4099

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. O autor e a obra:** dados biográficos do autor e informações que contextualizam a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidade interdisciplinar:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. O AUTOR E A OBRA

Os *Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês* é um livro divertido e emocionante, escrito por Flavio de Souza e ilustrado por Suppa.

Nascido em São Paulo, em 1955, Flavio de Souza, desde muito jovem, demonstrou interesse pelo universo artístico: já aos seis anos fez um curso de teatro e artes plásticas. Dez anos depois, ingressou em um grupo de teatro experimental, chamado Pod Minoga Studio, no qual aprendeu a atuar, escrever, dirigir, cuidar do cenário e da sonoplastia. Foi lá, em 1974, que escreveu a primeira das mais de sessenta peças de teatro de que é autor.

Com uma vasta carreira como escritor, ele é também criador e roteirista de programas dirigidos ao público infantil como *Castelo Rá-Tim-Bum* (TV Cultura) e *No Mundo da Lua* (TV Cultura). Foi também roteirista do programa *Sai de Baixo* (Rede Globo), destinado ao público adulto. No bem-sucedido *Castelo Rá-Tim-Bum*, Flavio também atuou, interpretando o cientista Tíbio.

Mas não é só nas artes audiovisuais que se concentra a carreira desse paulistano. Ele também é escritor de livros. Entre suas obras, muitas dirigidas ao público infantojuvenil, estão *Que história é essa?* (1995), que foi indicado ao prêmio Jabuti e obteve a menção Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); *Que história é essa? 2* (2001), também indicado ao prêmio Jabuti e menção Altamente Recomendável da FNLIJ; *Desenhos de guerra e de amor* (2001), que também ilustrou e obteve a menção Altamente Recomendável pela FNLIJ, e *O livro do ator* (2001), prêmio Adolfo Aizen, da União Brasileira de Escritores (UBE), na categoria Destaque Didático, e menção Altamente Recomendável pela FNLIJ, entre outros.

O prêmio Jabuti é o mais importante prêmio literário do Brasil. Lançado em 1959, foi idealizado pelo biógrafo e editor Edgard Cavalheiro quando presidia a Câmara Brasileira do Livro.

A FNLIJ foi criada em 23 de maio de 1968, no Rio de Janeiro. A

fundação é a seção brasileira do International Board on Books for Young People (IBBY), associação internacional que visa promover a leitura entre os jovens. A missão da FNLIJ é promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito da leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias. Para saber mais sobre a fundação e suas ações, visite o site oficial. Disponível em: <<http://bit.ly/2JqVJod>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

O prêmio Adolfo Aizen é oferecido pela UBE, uma associação de escritores brasileiros criada em 1958, que tem como objetivos principais discutir políticas culturais que atendam aos interesses dos escritores e defendê-los em todas as manifestações literárias, em poesia e prosa. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mwdf9c>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Para dar vida às personagens, este livro conta com as ilustrações de Suppa. Nascida em 1958, em Santos, São Paulo, Suppa estudou arquitetura e morou em Paris, onde cursou a École d'Arts Appliqués Duperré. Ela trabalhou como colorista das histórias em quadrinhos do pesquisador da vida marinha Jacques Cousteau. Ilustrou ainda revistas, campanhas publicitárias e livros infantis. De volta ao Brasil, passou também a escrever obras voltadas para o público infantojuvenil.

Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês narra o percurso de sete jovens adolescentes que precisam se unir, apesar das diferenças, para impedir a derrubada de dois grandes ipês que ficam no final da rua onde moram, árvores cuja sombra serve de abrigo para os encontros diários — de leitura, de dança e, de vez em quando, de brigas — dessa turma.

A obra tem muito em comum com o clássico livro *Os meninos da rua Paulo*, do húngaro Ferenc Molnár, publicado pela primeira vez em 1906. Em

ambos, há jovens que se reúnem em grupos que até nome têm e disputam o direito de brincar num espaço desocupado do bairro onde vivem. Por trás das duas histórias, a disputa pelo território, seja para tomá-lo, seja para preservá-lo, é um degrau que leva ao desenvolvimento da cidadania das personagens, permeado pela discussão da ética, da amizade, das formas de se relacionar.

Os clássicos infantojuvenis brasileiros *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho, e *A droga da obediência*, de Pedro Bandeira, também apresentam temáticas semelhantes ao livro de Flavio de Souza, que, por meio da aventura, mostra os conflitos e o amadurecimento dos adolescentes, a maneira como se relacionam entre si, com a família e com o mundo que os cerca. Livros como esses permitem uma entrada na literatura por meio do envolvimento com um universo que comunica, de forma próxima, as experiências de um período da vida que pode nos marcar para sempre.

2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Os *Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês* é um livro divertido e sensível, que provoca o leitor de maneira sutil, fazendo-o refletir sobre os relacionamentos, as mudanças pelas quais as crianças passam ao sair da infância e entrar na adolescência e a transformação e conseqüente construção de uma personalidade crítica, analítica, propensa a atuar com cidadania, de modo a procurar beneficiar toda a coletividade.

Seis jovens adolescentes que se dividem em dois grupos, os amantes da leitura e os amantes do hip-hop, disputam o direito de ocupar um terreno vazio que fica no final da rua sem saída onde vivem. A intransigência é uma marca na maneira como interagem: todos querem ocupar o terreno à sombra dos ipês, dos “siamipês” — como eles chamam os dois grandes ipês ali locali-

zados —, sem considerar a possibilidade de um acordo vantajoso para todos, que enseje o compartilhamento daquele espaço e uma convivência pacífica e respeitosa. Determinar quem tem “mais direito de uso” fica por conta, depois de muita gritaria, de uma votação, mas o impasse parece insolúvel, dado que são três votos contra três. Empate. Tudo pode mudar, porém, com a chegada do sétimo jovem morador da rua dos siamipês, Antonio. O grupo que conseguir sua filiação garante a maioria e, com isso, vence a disputa pelo espaço.

O problema é que Antonio não está disposto a escolher um lado. Ele gosta de hip-hop. E gosta de ler. E de desenhar! E é no contexto da arte que ele começa, com sua atitude, a promover uma mudança na turma... O jovem vai até os siamipês munido de uma caixa de latas de spray, cartolinas, tesoura, estiletes, canetas, pincéis, rolinhos, potes de tinta de parede misturada com corante e dá início, sozinho, à produção de um painel de grafite no muro do terreno. A produção, porém, não segue solitária por muito tempo. Logo, os outros jovens (que tanto brigam para ficar ali) juntam-se a ele, e as turmas passam a produzir um mural coletivo. Esse é um momento muito marcante da narração. O leitor pode sentir a atmosfera poética criada ali, por meio da reação do senhor José Paulo da Silva Souza, o Podinão.

É uma flor sorrindo que faz o senhor José Paulo da Silva Souza ficar parado de boca aberta, mudo, os olhos de águia espantados, as taturanas sobre os olhos levantadas, os dentes de lobo aparecendo; um homem rigoroso, severo, de olhar duro, de repente parece um moço chegando na beira da praia e sendo abraçado pela brisa refrescante, morna e salgada, agradável presente do mar. [pp. 47-8]

É nessa hora que aparecem no local alguns homens com um documento que autoriza a instalação, ali, de um suporte luminoso de vinte por quinze metros. Após uma breve avaliação, eles decidem que, para proceder à instalação, precisam derrubar as árvores e dar cabo daquele espaço tão caro aos

jovens. Aí, as diferenças somam forças! É preciso salvar os ipês e conservar aquele cantinho, onde as turmas podem se reunir e se divertir diariamente.

Esse é o enredo que colocará para os estudantes questões com as quais eles têm de lidar em seu cotidiano: Como resolver conflitos? Como conviver com outras pessoas com as quais não compartilhamos as mesmas preferências? Onde começa e termina o direito de cada um?

Ele conta com a capacidade do leitor de se colocar em relação a temas mais amplos, como a ocupação dos espaços da cidade, que pode ser tratada por meio da questão: O que vale mais: a manutenção de um lugar para o lazer daquela comunidade ou limitar seu uso de modo que uma única pessoa se beneficie financeiramente dele? Podemos dizer que, nesse sentido, a história contada privilegia que o trabalho oriente, conforme afirma a pesquisadora espanhola Teresa Colomer (2007), a “descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo” (p. 62), uma vez que permite que o jovem interlocutor se identifique com as personagens e trace paralelos entre suas vivências e as que elas experimentam, participando, assim, das reflexões propostas pelo narrador.

A história se desenvolve por meio de uma construção narrativa singular: em vez de um, há sete narradores-personagens! Cada capítulo é narrado por um dos adolescentes que vive na rua dos siamipês. Há, assim, sete estilos diferentes no livro, cada um revelando certos aspectos do enredo e da personalidade de quem fala. Com isso, o estudante percebe que há muitas formas de falar, agir, pensar e sentir em relação ao mesmo assunto, sem que uma seja melhor do que a outra. Além disso, a linguagem empregada pelas personagens é bastante expressiva, o que pode aproximar o leitor da obra, já que esses narradores estabelecem uma conversa direta com o leitor. Flavio de Souza procura preservar certas características da oralidade, do jeito de falar dos adolescentes, especialmente daqueles de classe média, que vivem em centros urbanos. Observe os trechos a seguir. No primeiro também se percebe a

aglutinação das palavras “exagero” e “enorme” e a brincadeira com o nome da personagem Olívia (Lívia), que é chamada de Lívida:

Eu falei:

— Desse jeito você só vai conhecer o Toninho de noite.

Ela disse:

— Que *exagerenorme*, Lívida! [p. 20]

O Alex bufou:

— A gente sabe que vai tomar banho todo dia antes do jantar, Rita. Mas a gente sempre tem a esperança de que vai conseguir fugir e dormir suado e fedido.

— Eu acho essa ideia bem nojenta, mas a gente pode deixar pra discutir depois que o capítulo acabar — eu respondi. [p. 11]

O uso das figuras de linguagem ajuda na criação de uma atmosfera poética, em algumas cenas que o narrador descreve, como no trecho abaixo:

A Rita fica com as pernas bambas, e, sem fazer muito esforço, deixa de fingir que não está nem aí, já que estava super a fim de sentar, e o sorriso que ilumina o rosto dela vai se abrindo como a flor pintada na parede, que parece também se abrir e sorrir. [p. 48]

Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês é uma história que aborda de modo sensível e literário temas relevantes, como as relações com a família e os amigos, bem como os conflitos decorrentes do uso do espaço da cidade, propondo uma aventura que levará o leitor a avançar em seus conhecimentos na medida em que pode, ao mesmo tempo, apreciá-la esteticamente e identificar-se com o que é narrado.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Neste romance — cujo pano de fundo são as relações familiares e de amizade —, a diversidade está contemplada por meio da caracterização das personagens, que pertencem a diferentes etnias, faixas etárias e classes sociais. Por meio dessa constelação de possibilidades, você pode promover o debate entre os estudantes, para que exercitem, em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

[...] a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2017, p. 8.)

O conflito central da história propicia, entre outras reflexões, que o estudante pense sobre as políticas públicas para o lazer e a ocupação de áreas sem uso da cidade. A discussão desse tema pode ser expandida para outras questões importantes que interferem na vida da cidade, como a mobilidade, por exemplo; ou ainda pode se aproximar da realidade do estudante, como seu cotidiano na escola: Quais são os espaços da escola? Como se utilizam esses espaços? Qual é a relação entre os estudantes e a escola? Existe uma forma diferente de ocupar esses espaços? Quais? O que os estudantes pensam sobre o cuidado com os espaços escolares? Quem é o responsável por esses espaços? E qual a responsabilidade dele, estudante, com relação a esse aspecto?

Essas são algumas das perguntas que podem levar o estudante a refletir sobre suas atitudes na conservação do espaço escolar, que é coletivo, e impli-

cá-lo na construção de fazeres que preservem o local e o coloquem a serviço da comunidade, reconhecendo esse trabalho como parte de sua formação para a cidadania. Desse modo, garante-se, de acordo com a BNCC, que o estudante seja capaz de:

[...] reconhecer a importância de se envolver com questões de interesse público e coletivo e compreender o contexto de promulgação dos direitos humanos, das políticas afirmativas, e das leis de uma forma geral em um estado democrático, como forma de propiciar a vivência democrática em várias instâncias e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade. (BRASIL, 2017, p. 142.)

Com relação aos aspectos literários, a leitura do livro de Flavio de Souza pode suscitar a discussão sobre o gênero romance. Compare a obra aos textos com os quais os estudantes tiveram mais contato, como contos de fadas e contos populares, analisando no que se distancia e no que se aproxima desses gêneros, quais são as regularidades que um romance apresenta — personagens, enredo, cenário e conflitos — permitindo que avancem em seus conhecimentos sobre esse gênero narrativo e ampliem suas possibilidades de compreender e fruir, esteticamente, uma obra como esta.

Chame a atenção dos estudantes para o fato de o autor utilizar diferentes recursos de linguagem visando criar uma atmosfera envolvente, como comentamos no item anterior, considerando o público que pretende atingir. Assim, eles vão poder perceber como, de modo deliberado, o escritor constrói uma narrativa que empresta às personagens uma maneira de se expressar que é próxima daquela que adolescentes como eles costumam utilizar. Essa proximidade é responsável pelo estabelecimento de um vínculo entre o leitor e as personagens que o manterá fiel à história e permitirá que participe da construção do sentido da obra, porque ele, leitor e estudante, dividirá com elas sua experiência de vida, suas reflexões, e estará, ali, a cada página, colaborando com o de-

senrolar dos acontecimentos. Destaque também a estrutura narrativa da obra, em que cada capítulo é narrado do ponto de vista de uma personagem — assim, há sete capítulos, cada um referente a um dos sete adolescentes que vivem na rua dos siamipês. Desse modo, o leitor conhece a história de perspectivas diferentes, o que põe a ele um desafio na compreensão do romance.

Por essas características, o trabalho com o livro *Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês* pode contribuir para o desenvolvimento desta habilidade proposta na BNCC:

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

A leitura de um livro é uma atividade que pode ser realizada individualmente. Qualquer pessoa, de qualquer idade, pode se encontrar com

uma história e investir nessa relação, dedicando um tempo a ela, ou perceber que não houve o encantamento necessário, deixando-a para trás. Segundo Teresa Colomer (2007):

[...] a leitura autônoma, continuada, silenciosa, de gratificação imediata e livre escolha, é imprescindível para o desenvolvimento das competências leitoras. É imprescindível para que o próprio texto “ensine” a ler. [...] É imprescindível para que os alunos formem sua autoimagem como leitores, aprendendo a avaliar antecipadamente os livros, criando expectativas, ariscando-se a selecionar, acostumando-se a abandonar um livro que decepciona e a levar emprestado aquele que lhe parece atraente. (p. 125)

Por isso, é importante promover situações de leitura individual, nas quais os estudantes possam exercer sua autonomia e, paralelamente, construir uma identidade leitora, confiante de sua capacidade de escolher, ler e compreender um livro.

Mas aqui vamos falar também de outro tipo de encontro que a literatura promove: o encontro entre leitores. Ao discutir determinada obra, eles constituem uma espécie de comunidade, que, no debate sobre impressões, hipóteses e observações, privilegia a compreensão do enredo e a construção de um sentido mais amplo e aprofundado a respeito da história. Ainda nas palavras de Teresa Colomer (2007):

[...] a reflexão educativa já assinalou que o sentimento de pertencer a uma “comunidade interpretativa” é o mecanismo básico para aprender a desfrutar de formas literárias mais elaboradas. [...] Trata-se de criar espaços de leitura compartilhada nas classes, como lugar privilegiado para apreciar com os demais e construir um sentido entre todos os leitores. Realizar estas atividades ajuda, de imediato, a compreensão das obras e proporciona uma aprendizagem inestimável de estratégias leitoras, já que cada criança tem a oportunidade de ver a forma em que operam as outras para entendê-las. (p. 148)

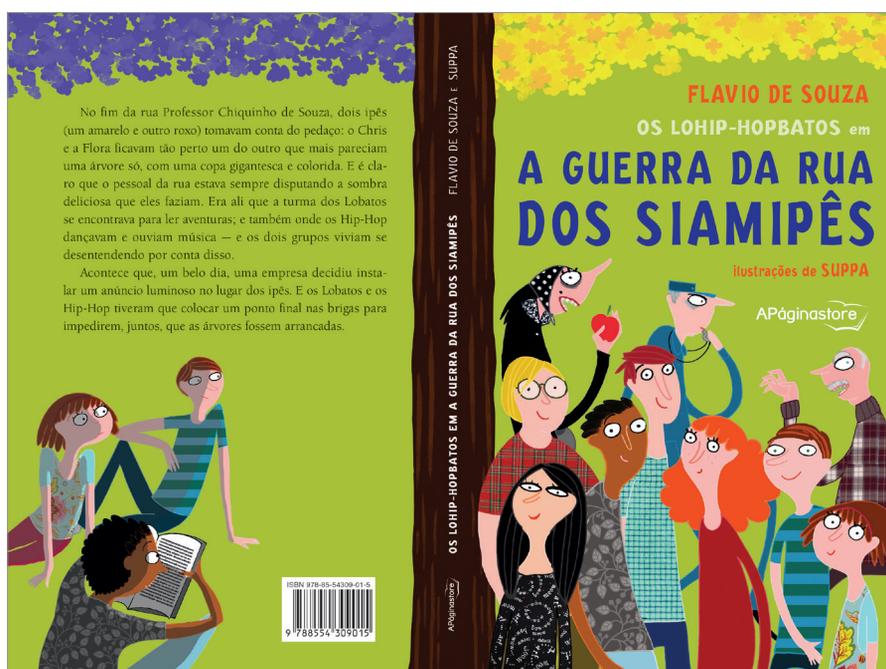
Desse encontro, você é o anfitrião. Aquele que fará o convite e preparará a festa nos mínimos detalhes, pensando e planejando estratégias para que cada convidado possa aproveitar a ocasião da melhor maneira. Você, como leitor mais experiente e que já conhece a obra, poderá atuar como um guia, ajudando os estudantes a vencer as dificuldades de sentido que a obra propõe, orientando-os na compreensão de aspectos obscuros do texto, provocando reflexões que estimulem novas interpretações mais complexas (COLOMER, 2007).

Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês é um livro que provoca seu interlocutor desde o título, atiçando sua curiosidade: O que são Lohips e Hopbatos, afinal de contas? Por que estariam em uma guerra na rua dos siamipês? E o que são *siamipês*? Por isso, sugerimos começar a leitura propondo a apreciação da capa e do título em uma roda de conversa. Faça algumas perguntas para disparar o debate: O que os estudantes podem inferir sobre a história a partir do nome do livro e do desenho da capa? O que serão “Lohip-Hopbatos”? Como são as personagens dessa história? No que se basearam para responder a essa pergunta? O que a ilustração revela sobre a história?

Leia também com a turma o texto de quarta capa e discutam: Que informações ela oferece? Que hipóteses levantadas pelos estudantes, sobre a história, são contempladas ali? Quais não são?

Peça-lhes que prestem atenção no desenho de cada personagem. O que as expressões de cada uma indicam sobre sua personalidade? O que será que Suppa, a ilustradora, quis transmitir para o leitor ao desenhar uma mulher vestida de preto, com um lenço de bolinhas na cabeça e uma maçã na mão? Que personagem tem essas características? Essas perguntas fazem com que os estudantes recorram a seus conhecimentos prévios, colocando-os em relação com essa nova obra que lhes está sendo apresentada. No caso da figura indicada, tudo leva os estudantes a associá-la a uma bruxa, pois é apresentada na capa de uma maneira muito similar às bruxas que, provavelmente, eles já conhecem dos contos de fada, como a madrasta da Branca de Neve.

É possível ainda fazer uma leitura da capa “aberta”, considerando capa, quarta capa e lombada uma ilustração. Observe que a lombada é marrom. Ela invade a capa e a quarta capa numa linha irregular que sobe e fica disposta entre flores amarelas e roxas. Seriam os ipês? Por que há um só tronco para duas árvores?



Esse é um bom momento para propor a leitura do texto que abre o livro e é dirigido à leitora e ao leitor, explorando as informações que ele traz.

Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês é um livro com sete narradores-personagens, e esse é um aspecto muito importante na história. É relevante ajudar os estudantes a perceber as peculiaridades de cada capítulo e o valor literário dessa estrutura narrativa. O primeiro indício que encontramos dessa pluralidade de focos narrativos está no título dos capítulos — veja, por exemplo, no capítulo 1, “A chegada do Antonio” (p. 9), que logo abaixo do título já se antecipa que foi escrito por Ritandorinha.

Para preparar os estudantes para a análise do tipo de narrador, logo no

capítulo 1, instigue-os a observar os detalhes ligados ao foco narrativo: Quem está contando a história? Esse narrador é uma personagem? Qual? Como você sabe que ela participa da trama? Isso levará os estudantes a observar o sujeito da fala, o pronome, e pesquisar para comprovar sua hipótese acerca da identidade do narrador.

Eu parei de ler e disse: [p. 11]

— Oi, Toninho, tudo bem? Eu sou a Rita.

Ele não parou de sorrir, me abraçou e disse:

— Não.

Eu fiquei um pouco sem graça e perguntei: [p. 17]

Já no título do capítulo 2 (p. 19), anuncia-se um novo narrador, “Curiolívia”, e os estudantes poderão confirmar isso no parágrafo inicial:

Oi, você aí. Pra começo de conversa, meu nome é Olívia de Oliveira Pereira.

Meu nome artístico vai ser Lívia Olípe. Mas por enquanto eu não preciso de nome artístico. [p. 19]

Também será interessante pedir aos estudantes que compartilhem com os demais suas impressões sobre os narradores. Que efeitos a presença de mais de um narrador pode ter sobre a história? O jeito de falar de Lívia é o mesmo de Rita? Que informações temos sobre as personagens a partir da leitura do capítulo que elas narram?

Para ampliar a análise, proponha um registro coletivo, que pode ser feito no mural da sala e que, ao longo da leitura e discussão do livro, os estudantes podem ir preenchendo. Esse registro deve apontar as peculiaridades de cada narrador e os fatos relevantes de sua narrativa. Desse modo, os estudantes observarão como o escritor foi construindo cada personagem,

apresentando-o ao interlocutor por meio de sua narrativa. O jeito de falar da personagem revela muito do seu temperamento, que não foi apresentado imediatamente no início da trama. Esse registro pode se organizar na forma de um quadro com quatro colunas — “Narrador”, “Características do narrador”, “Como ele conta a história” e “O que ele conta da história” — e sete linhas, uma para cada narrador-personagem.

Na coluna “Como ele conta a história”, os estudantes poderão explorar os recursos linguísticos utilizados pelo autor e observar como eles ajudam a traçar o perfil de cada personagem. Alguns elementos que podem ser analisados são a linguagem mais ou menos formal, o uso de gírias e a estrutura textual: O capítulo está dividido em seções? Como cada seção é identificada? De que maneira o narrador se dirige ao leitor?

A análise do narrador permitirá que os estudantes façam uma reflexão sobre os recursos literários empregados pelo escritor. Há um clima de intimidade entre as personagens e o interlocutor. Essa intimidade é resultado do jeito de falar de cada narrador, que remete ao universo juvenil.

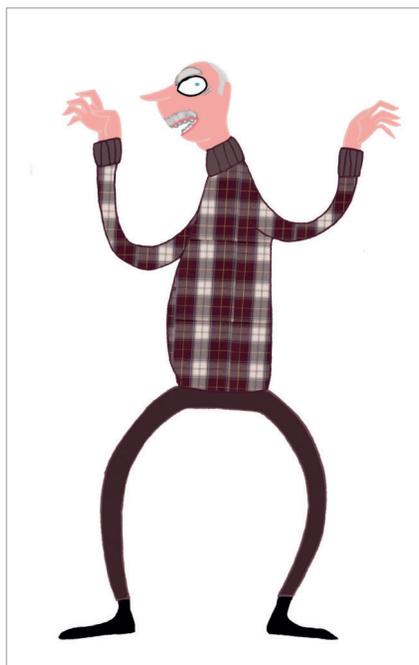
Me deu vontade de gritar lá pra baixo: “Esse pássaro que está empoleirado num galho bem alto não é um pássaro! Não é um avião! Não é um super-homem! É um carinha fantasiado de passarinho. Alô! Tem alguém aí dentro do cérebro de vocês?”. [p. 58]

A maneira como o narrador convida o leitor para participar da história também contribui para a construção dessa relação de proximidade entre livro e leitor.

Oi, você aí que está lendo. Deixe contar pra você: eu nunca almocei tão depressa como naquele dia. [p. 19]

E foi tipo uma estreia, sabe? [p. 84]

As ilustrações dão conta da diversidade retratada no enredo, pois atuam como uma fotografia de algumas cenas. Os detalhes expressivos delas revelam informações sobre os sentimentos e o jeito de ser das personagens, complementando e ampliando o texto verbal.



Esse patife causou vários desmaios, muita choradeira, alguns ossos quebrados, um machucado de cinco pontos e uma cicatriz, uma separação e uma morte. [p. 45]

Observe que a postura corporal, as mãos que se assemelham a garras de monstro, a boca aberta e, especialmente, o traçado do olho — que parece mirar o leitor — reforçam a ideia de que a personagem é um patife malvado, colaborando com a construção do sentido do texto.

Uma característica da história são as transformações de algumas personagens. Por isso, sugerimos que você chame a atenção dos estudantes para a forma como cada uma delas vai mudando seu jeito de ser. O capítulo 4 (p. 46)

é um bom momento para fazer essa pausa na leitura e propor uma conversa. No início, as personagens estão tentando disfarçar a curiosidade sobre o que o novo morador da rua, Antonio, fará com a caixa de tintas. Conforme o menino começa a pintar o muro, os outros vão se aproximando e participam da atividade. Pergunte aos estudantes: Por que isso acontece? Você acredita que a forma de esses meninos e meninas se relacionarem terá alguma mudança? Qual? Por quê?

A Rita me imita, ela está com um agasalho, e, quando ela o amarra na cabeça, fica parecendo uma daquelas mulheres árabes que não podem mostrar nada além dos olhos. E das mãos dela vão saindo abelhas, mosquitos, libélulas e outros insetos que fazem o jardim se movimentar ainda mais. [p. 49]

Então, chegam os homens que vão derrubar as árvores. Cabe aqui questionar os estudantes sobre o que acham que acontecerá dali para a frente, solicitando que compartilhem suas hipóteses e expectativas em relação ao enredo e, sobretudo, às passagens da história que os fazem pensar dessa forma.

Conforme já falamos anteriormente, um dos aspectos relevantes deste livro é a pluralidade de narradores, isso porque não se trata de uma coletânea de contos ou crônicas, mas de um romance, ou seja, uma narrativa de ficção que conta acontecimentos relevantes para o protagonista. No caso de *Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês*, auxilie os estudantes a observar a função de cada personagem da trama por meio de seus relatos dos acontecimentos, que são os capítulos do livro. Há um protagonista nessa aventura? Quem? Por quê? Os estudantes poderão perceber que o protagonismo é compartilhado entre as personagens; em alguns momentos, o destaque está nas ações de um ou de outro, muito embora, às vezes, Antonio tenha uma atuação de maior relevância. No entanto, é ele mesmo quem chama a atenção do leitor para esse protagonismo plural:

Eu não queria contar justo este pedaço da história, em que eu sou o personagem principal, mas a Rita disse que eu sei melhor do que qualquer um da turma o que aconteceu, porque estava assistindo a tudo de camarote, no alto da Flora e do Chris. Então, já que é assim, lá vai. (p. 54)

Essa análise pode levar os estudantes a se indagar acerca da intenção do autor. O que ele quis transmitir ao criar personagens que começam a história sem conseguir dividir um espaço coletivo e terminam criando uma narrativa compartilhada, contada a sete vozes, sem que uma se sobressaia às outras? Os recursos linguísticos, como o tipo de narrador, favorecem o tema da obra? Como?

Finalmente, essa é uma história cuja diversidade está representada pelas características das personagens, não somente das crianças, mas de todos os moradores da rua dos siamipês. Você poderá pedir aos estudantes que, em pequenos grupos, de três ou quatro, leiam o capítulo 3 (p. 29) e façam um levantamento biográfico das personagens apresentadas. Quem são, qual sua aparência, como são suas famílias, qual é sua origem, e qualquer informação que julgarem importante para que se conheçam melhor os moradores daquele lugar. Feito esse levantamento, você poderá propor uma conversa sobre o convívio entre pessoas de origens e costumes diferentes. É fácil entender o modo de ser dos outros? Por quê? Quando comparamos as culturas de um lugar e de outro, podemos fazer um julgamento de valor sobre algum aspecto dessa cultura? Por quê? Como promover um convívio saudável entre pessoas tão diferentes? Que ações podem colaborar para isso? A situação apresentada no livro tem relação com a sala de aula? De que maneira?

Esse tipo de debate poderá ajudar os estudantes no desenvolvimento da seguinte habilidade proposta na BNCC:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

De acordo com a BNCC, com relação aos procedimentos e estratégias de leitura, é importante orientar os estudantes para que sejam capazes de:

Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos. (BRASIL, 2017, p. 72.)

É nessa direção que caminha o trabalho que você poderá desenvolver com os estudantes, planejando as atividades propostas a seguir.

Este livro coloca em pauta o espaço público e o espaço privado. Para ajudar os estudantes a compreender melhor essas esferas que contextualizam os acontecimentos, se houver recursos tecnológicos e se julgar pertinente para sua turma, sugerimos que você reproduza um dos documentários a seguir para ampliar a visão deles sobre o tema e logo em seguida promova uma discussão sobre o que entenderam do que foi apresentado:

- Vídeo produzido pela Secretaria de Educação do Estado de São

Paulo voltado para a educação de jovens e adultos, em que se discute o que é público e o que é privado e como esses conceitos se relacionam na nossa sociedade. Disponível em: <<http://bit.ly/2lagruK>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

- Vídeo produzido pela Univesp TV, em que o professor Pedro Goergen, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, comenta a distinção entre público e privado, descrevendo rapidamente como essas duas esferas se organizam e, depois, apontando a importância da participação consciente das pessoas na esfera pública. Disponível em: <<http://bit.ly/2yhMm50>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

Você também pode propor uma discussão sobre a disputa pelo direito de uso de um local abandonado: Se está abandonado, tem dono ou não? Quem decide quem pode utilizar e mandar em um lugar cujo dono não se faz presente? Que interesses devem sobrepujar o direito à propriedade privada ou o benefício da coletividade? Esse debate poderá dar embasamento para outras conversas sobre essa temática, suscitadas pela leitura do livro.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Depois da leitura do livro, apresente aos estudantes os textos aos quais a história faz referência: o poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, e as canções “Sabiá”, de Chico Buarque de Holanda e Tom Jobim, “Passaredo”, de Chico Buarque de Holanda e Francis Hime, e “Carinhoso”, de Pixinguinha e João de Barro (se for possível, ouça com eles essas canções). Sugerimos que você organize a turma em quatro grupos, entregue os textos para cada um e peça que os leiam e tracem um paralelo entre eles. O que têm em comum, além da referência direta aos pássaros? Por que o escritor escolheu justamente essas músicas e poemas para ilustrar a história? O gênero literário desses textos é o mesmo do livro?

Dessa forma, os estudantes poderão pensar a respeito da intencionalidade da escrita. O escritor não seleciona obras aleatoriamente para citar na narrativa que produz, assim como não utiliza recursos linguísticos sem ter um objetivo muito claro na criação da trama. O autor deseja provocar sensações, pensamentos, reflexões, e por isso pesquisa e escolhe, com muito cuidado, os caminhos de sua escrita.

As composições artísticas apresentadas no livro se relacionam com a ideia da liberdade, da interferência do ser humano na natureza e das relações afetivas que as pessoas têm com os lugares que conhecem.

6. POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR

GEOGRAFIA

Destacamos as seguintes competências a serem desenvolvidas nos estudos dessa área do conhecimento, de acordo com a BNCC, que podem ser trabalhadas a partir da leitura da obra de Flavio de Souza:

6. Construir argumentos com base em informações geográficas, debater e defender ideias e pontos de vista que respeitem e promovam a consciência socioambiental e o respeito à biodiversidade e ao outro, sem preconceitos de qualquer natureza.

7. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, propondo ações sobre as questões socioambientais, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2017, p. 362.)

Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta. Há, assim, uma clara relação entre a história contada em *Os Lohip-Hopbatos em a guerra da rua dos siamipês* e o ensino da Geografia. A intervenção do ser humano em elementos naturais da paisagem da cidade é o fio condutor da narrativa: as descrições feitas pelas personagens possibilitam traçar uma linha do tempo da história dos ipês, desde que foram plantados até os acontecimentos do livro, de modo que os estudantes podem imaginar as transformações que foram acontecendo ao longo do tempo. Aproveite essa temática para promover um debate. Você pode pedir aos estudantes que se organizem em dois grupos: os que defendem o direito de instalar os painéis luminosos e os que defendem a preservação dos ipês.

Reserve uma ou duas aulas para que os grupos possam construir sua base de argumentos. Traga material para pesquisa e solicite aos estudantes que também tragam algum material. Se houver sala de informática na escola, permita que realizem uma pesquisa na internet, orientando-os a descobrir mais sobre a preservação dos elementos naturais na paisagem da cidade. Você pode ler alguns textos informativos sobre o tema, auxiliando a turma a compreendê-los, caso a linguagem seja muito desafiadora.

Depois dessa etapa, promova o debate. Determine os procedimentos, o tempo para cada fala e deixe que os grupos se organizem, determinando a ordem em que cada um falará.

Essa atividade possibilita que os estudantes sejam capazes de encontrar argumentos para defender seu ponto de vista e apresentá-lo da melhor maneira possível, colocando em prática os saberes já adquiridos, ampliando seu repertório e experimentando uma atuação cidadã junto de seus pares. A proposta não visa à unanimidade de pensamentos.

Essa atividade pode favorecer o desenvolvimento das seguintes habilidades propostas na BNCC:

(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos.

(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades.

Também pode ser interessante sugerir aos estudantes que retomem o debate sobre o espaço público e o espaço privado, tendo agora como pergunta problematizadora: Se o terreno realmente fosse do doutor Pimenta, quem estaria com a razão, ele ou os jovens adolescentes? Como poderiam resolver essa questão?

É possível ampliar e trazer essa conversa para um contexto mais próximo da realidade dos estudantes: A escola é um espaço público? Por quê? Como vocês se relacionam com esse espaço? Os estudantes podem se reunir e propor algum projeto que vise à implementação de melhorias no espaço escolar. Para isso, eles devem escrever o projeto, abarcando os seguintes itens: proposta; justificativa; procedimentos necessários; alunos responsáveis pela realização; previsão de tempo para a conclusão.

Quando o projeto estiver pronto, ele poderá ser apresentado para a diretoria da escola e, se for aprovado, ser posto em prática pelos estudantes. De acordo com a BNCC:

A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa. (BRASIL, 2017, p. 60.)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.